

POR ENTRE AS PISTAS E POR ENTRE AS LINHAS: O EMPODERAMENTO FEMININO NO JORNALISMO DURANTE A CONSTRUÇÃO DA FIGURA DE RAYSSA LEAL NAS OLIMPÍADAS DE TÔQUIO 2020¹

BETWEEN LANES AND BETWEEN LINES: THE FEMALE EMPOWERMENT IN
JOURNALISM DURING THE CONSTRUCTION OF THE FIGURE OF RAYSSA
LEAL AT THE 2020 TOKYO OLYMPICS

Júlia Fernanda Lemos Backes²

Gustavo Roes Sanfelice³

Maurício Barth⁴

Resumo: O presente artigo analisa a representação da skatista brasileira Rayssa Leal em mídias jornalísticas durante as Olimpíadas de 2021, atendo-se, especificamente, ao empoderamento feminino. Foram selecionadas sete reportagens da Folha de São Paulo entre julho e agosto de 2021, analisadas a partir das categorias de representação enquanto atleta, adolescente e figura modelo. Entende-se que Rayssa é apresentada como uma atleta madura e uma adolescente leve, fortalecendo a conexão com o público e desafiando estereótipos de fragilidade e objetificação feminina. Sua imagem promove discussões sobre equidade de gênero no esporte e serve como inspiração para novas gerações de skatistas femininas.

Palavras-chave: Empoderamento feminino; Jornalismo esportivo; Representações midiáticas.

Abstract: This study analyzes the representation of Brazilian skateboarder Rayssa Leal in journalistic media during the 2021 Olympics, focusing specifically on female empowerment. Seven reports from Folha de São Paulo were selected between July and August 2021, analyzed based on the categories of representation as an athlete, teenager and model figure. Rayssa is presented as a mature athlete and a light teenager, strengthening the connection with the public and challenging stereotypes of female fragility and objectification. Her image promotes discussions about gender equity in sport and serves as inspiration for new generations of female skaters.

Keywords: Female Empowerment; Sports journalis; Media representations.



ESTE TRABALHO ESTÁ LICENCIADO COM UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS - ATRIBUIÇÃO-NÃOCOMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL.

1 A autora e os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação pelo apoio na construção e desenvolvimento deste trabalho.

2 Mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale; Analista de Comunicação Interna – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; E-mail: juliaflemosb@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8223-4844>

3 Doutor em Comunicação – Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Professor – Universidade Feevale; E-mail: sanfeliceg@feevale.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0159-3584>

4 Doutor em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale; Professor – Universidade Feevale; E-mail: mauricio@feevale.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9125-9832>

Introdução

Muito além de um evento para grandes espetáculos e intensas competições, as Olimpíadas de Tóquio, em 2021, mostraram-se palco político para diversas discussões sociais — entre elas, aquelas relacionadas ao viés de gênero e à representatividade feminina no esporte. Engana-se, porém, quem acredita na abordagem de tais temáticas como algo delimitado apenas às quadras, arenas ou estádios dos Jogos; a expansão dos debates feministas no campo do jornalismo esportivo tem impulsionado mudanças culturais acerca de questões pertinentes a essa minoria, além de construir midiaticamente figuras de representação social (Casadei; Scabin; Storel, 2022).

Como exemplo neste contexto é possível citar o nome de Rayssa Leal, a “Fadinha”. Com apenas 13 anos, a medalhista olímpica posicionou-se diante dos holofotes da mídia brasileira não somente como um nome próspero no skate, mas também como símbolo de ascensão das mulheres em um esporte durante muito tempo considerado masculino, enfatizando “[...] a dimensão de ‘empoderamento’ feminino do feito, no sentido de afirmar que skate também pode ser ‘coisa de mulher’” (Casadei; Scabin; Storel, 2022, p.37).

Com base nas temáticas do feminismo, e em paralelo à construção midiática da imagem de Rayssa Leal, este trabalho objetiva analisar a representação da atleta brasileira em mídias jornalísticas relacionadas à cobertura dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, sob o viés do empoderamento feminino.

Quanto à disposição do presente estudo, o mesmo estrutura-se da seguinte forma: inicialmente, discorre-se a respeito do histórico da representação da mulher atleta em coberturas midiáticas (Sousa; Said, 2018; Goellner, 2006; 2016; Souza; Knijnik, 2007; Castro; Prado, 2012; Bueno, 2018; Moraes, 2019; 2022; Rocha; Theodoro, 2021, Gustafson, 2022); na sequência, exibem-se os procedimentos metodológicos com seus critérios de escolha (Bardin, 2016), como também as análises desenvolvidas.

Por fim, apresentam-se as considerações finais.

1 As representações da mulher atleta na mídia

Em tempos contemporâneos, a mídia assume um papel de relevância na construção do pensamento social. Ainda que não seja possível afirmar de maneira convicta sua capacidade em definir os raciocínios e compreensões de cada indivíduo, a teoria de *agenda setting*⁵ permite aos meios de comunicação ditarem os principais temas e personalidades que circundam os debates populares (Biroli, 2011; Souza; Knijnik, 2007). Para Biroli (2011), a dependência midiática cognitiva dos sujeitos em relação ao grau de relevância das informações faz com que as referências que hoje envolvem os pareceres humanos sejam uma fusão do mundo real, vivido através das atividades do cotidiano, e daquele apresentado pelo olhar midiático das telas de TV, da internet, e dos jornais e revistas. Nesta perspectiva, suas formações identitárias mostram-se igualmente atreladas aos discursos midiáticos e seus respectivos simbolismos (Biroli, 2011; Castro; Prado, 2012).

Imerso nas relações complementares entre mídia e seus referentes públicos, encontra-se o conceito de estereótipo. De acordo com Sousa e Said (2018), o termo denota a construção de papéis socialmente definidos através de padrões de comportamento estabelecidos de modo normativo. Deste modo, a estereotipagem pode ser percebida como a “[...] base da interpretação e compreensão das relações e interações sociais, facilitando e mantendo a almejada ordem social” (Sousa; Said, 2018, p.8), contudo, seus significados muitas vezes engessam e negligenciam pluralidades, construindo assim processos de exclusão e, conseqüentemente, de dominação social simbólica (Sousa; Said, 2018).

Assim, é possível afirmar que a construção originária dos estereótipos está diretamente vinculada às expectativas de conduta formatadas pela própria sociedade, mas tem na mídia seu principal propagador através das perspectivas distintas de ruptura ou de legitimidade destas imagens (Sousa; Said, 2018; Biroli, 2011). Sob o segundo prisma, encontra-se a naturalização dos discursos de poder acima de grupos identitários conceituados como minorias, a exemplo das distinções e condutas sociais estabilizadas entre homens e mulheres em meio aos conceitos de gênero (Castro; Prado, 2012; Moraes, 2022). Conforme apontam Souza e Knijnik (2007), a mídia desempenha um papel crucial na propagação destes discursos e ainda reflete

5 “Para Roberts (apud Wolf, 2005), a hipótese do agenda-setting defende que os media são eficazes na construção da imagem da realidade que o sujeito vem estruturando. Essa imagem é uma metáfora que representa a totalidade da informação sobre o mundo que cada indivíduo tratou, organizou e acumulou. Pode ser pensada com um Standard em relação ao qual a nova informação é confrontada para lhe conferir significado. Esse Standard inclui o quadro de referência e as necessidades, crenças e expectativas que influenciam aquilo que o destinatário retira de uma situação comunicativa” (Sanfelice, 2018, p. 50).

de forma desigual as construções dominantes do imaginário coletivo acerca de atividades consideradas femininas e masculinas.

Entre as atividades sugeridas por Souza e Knijnik (2007), é possível citar o campo do esporte e a influência midiática na construção das particularidades deste cenário na sociedade. O jornalismo esportivo, de modo específico, é a fonte central da maioria das pessoas para o consumo de informações sobre eventos na esfera do esporte, acompanhando de perto o universo dos atletas, de modo a contemplá-los como grandes protagonistas ou subjugar-los em torno de diferentes contextos — o que pode ser percebido com frequência nas representações desiguais de gênero que destacam a hegemonia masculina diante da identidade feminina no esporte (Goellner, 2016; Rocha; Theodoro, 2021).

Para tal conjuntura antagonista entre homens e mulheres no campo esportivo, Goellner (2016, p.31) ressalta a ideia de que

[...] o esporte foi pensado pelos homens e para os homens, marcando, desde seu início, a sua generificação. [...] uma construção cultural à qual se agregam discursos, valores e práticas que produzem representações de feminilidades e masculinidades, as quais, por sua vez, produzem posições sociais que hierarquizam os sujeitos a partir da biologia dos seus corpos.

Deste modo, a intersecção entre mídia e esporte muitas vezes idealiza e naturaliza diante do imaginário social coletivo o estereótipo masculino de força, velocidade e resistência, ao mesmo tempo que enquadra características de fragilidade no estereótipo feminino (Souza; Knijnik, 2007). Conforme corrobora Goellner (2006), práticas comumente associadas à cultura atlética, como o esforço físico, a liberdade de movimentos e até mesmo o senso de rivalidade que envolvem as competições esportivas, são postas totalmente à margem do conceito de feminilidade. Ao contrário, a feminilidade está associada a comportamentos delicados e discretos, calculados para não chamar a atenção (Souza; Said, 2018). Tamanhas configurações, somadas aos discursos do matrimônio e da maternidade como obrigações prioritárias das mulheres, atestam diante do senso comum a reprovação de uma presença feminina praticante no cenário desportivo, colocando-as durante longos períodos em posições de assistência e invisibilidade, como apenas espectadoras (Goellner, 2006; Bueno, 2018).

Para além das questões de fragilidade, a esfera esportiva depara-se também com pontos inerentes à corporeidade: se para alguns a prática de atividades físicas pode significar a masculinização do corpo feminino, para

outros, configura a erotização desses mesmos corpos (Goellner, 2006). Através de um simbolismo sexual provocado e disseminado pelos meios midiáticos, ofusca-se o desempenho e a valorização das mulheres no esporte e abre-se espaço para representações objetificadas no ponto de vista social, sejam como atrativos para o público masculino ou como comportamentos padrões de beleza para as próprias mulheres (Sousa; Said, 2018).

Em síntese, portanto, é possível perceber ainda de forma majoritária narrativas midiáticas envoltas pela hegemonia masculina no esporte, acentuadas pela invisibilização de performances e conquistas atléticas femininas nos meios de comunicação. Viabiliza-se, em contrapartida, estereótipos de fragilidade e sexualidade, construídos a partir de visões de mundo androcentristas (Rocha; Theodoro, 2021).

A partir dessa ótica, salienta-se a importância dos meios midiáticos resgatarem seus teores de ruptura e difundirem a equidade de mulheres atletas. Segundo Biroli (2011), ainda que a mídia seja vista em muitos casos como um dos principais reprodutores de concepções estereotipadas, sua outra face detém um papel de resignificação sobre o que acontece no mundo contemporâneo através de uma narrativa muito mais diversa e promotora da quebra destes estereótipos. Para esta discussão, Moraes (2022) explana as principais definições de objetividade e subjetividade ao sugerir que a pauta jornalística pode ser também interpretada como ferramenta de combate a uma desumanização proposta pelo próprio jornalismo.

Em linhas gerais, a objetividade tem por finalidade noticiar a verdade sobre os fatos a partir do olhar imparcial e desconectado daqueles que exercem o jornalismo enquanto profissão (Moraes, 2022, p.97). Porém, de acordo com Gustafson (2022) e Moraes (2022), ainda que a transparência das informações seja necessária e exigida por parte dos receptores, a neutralidade dos produtos jornalísticos mantém por entre as linhas valores sociais dominantes concretados nos preceitos de generificação entre o que é 'normal' (masculino) e o que é o 'Outro'(feminino) (Moraes, 2022, p.15).

Conforme Gustafson (2022), a habilidade de posicionar-se sobre desigualdades sociais sem parecer tendencioso ainda é bastante complexa para os jornalistas. Contudo, uma abertura crítica por parte da mídia mostra-se conveniente na tentativa de se opor aos falsos equilíbrios e, conseqüentemente, ao reforço dos padrões coletivos presentes nos noticiários. Para Moraes (2022, p. 97), o jornalismo “[...] deve traduzir e explicar para uma população várias vezes maior e mais heterogênea aquilo que está reservado ou acessível para poucos, mas confundir essa tradução com, por exemplo, a manutenção de estereótipos e a reprodução da violência, é

apequenar a própria profissão”.

Em complemento, Gustafson (2022) levanta o argumento de que, em realidade, todo discurso midiático está envolto de significados ideológicos. Assim, observa-se o pensamento jornalístico apoiado na subjetividade, por muitas vezes negado pelo cotidiano da imprensa, sendo hoje um apoio importante na construção de novas representações sociais dos grupos de minoria. Embora seu conceito central não seja contrapor a objetividade, o jornalismo subjetivo propõe a desestabilização de representações engessadas, reproduzidas pela dimensão “objetiva” dos campos noticiosos (Moraes, 2019).

Em frente à perspectiva dos preceitos subjetivos, uma nova visão social de ativismo conecta-se novamente às questões de gênero, a partir de representações midiáticas femininas mais integrais em suas múltiplas esferas — dentre elas, a esportiva. Muitas destas reivindicações, por sua vez, estão diretamente atreladas aos debates e protestos oportunistizados pelo que hoje intitula-se como ‘Movimento Feminista’ (Bueno, 2018).

Em sùmula, o movimento feminista se coloca como contraponto à dominação masculina nos mais diversos meios sociais — como Estado, Mídia, Igreja, Família e Capital, sem o intento de tornar-se uma ideologia autoritária, saindo em defesa do reconhecimento de direitos e da equidade fundamental entre homens e mulheres diante da esfera pública (Tiburi, 2019; Miguel; Biroli, 2014). Pela concepção histórica, teve seu início ainda no século XIX, através de reivindicações acerca da educação das mulheres, da igualdade no casamento e direito à propriedade, de melhores condições trabalhistas e do direito ao voto (Miguel; Biroli, 2014).

No cenário contemporâneo, mediante linhas de debate feministas cada vez mais abrangentes — e pertinentes —, Tiburi (2019) e Moraes (2022) reforçam o uso da mídia como elemento de contribuição para a emancipação, liberdade de expressão e, claro, superação de estereótipos da figura feminina. Em contribuição, Gustafson (2022, p.75) aponta que

[...] a força crítica do feminismo está sendo potencializada pela prática jornalística a partir da sua facilidade e velocidade de circulação social. Se nas formas mais tradicionais de produção jornalística, a reprodução das relações de poder é uma das barreiras para a superação dos preconceitos e desigualdades, a ação transformadora do jornalismo feminista, em que a perspectiva de gênero atua na desnaturalização dos papéis historicamente atribuídos aos homens e mulheres, parece instigante.

Logo, é possível dizer que as implicações do feminismo hoje encontram na pauta jornalística um espaço de reconstrução do pensamento social por meio da própria renovação dos profissionais e veículos de imprensa (Moraes, 2022). De modo geral, as assimetrias de gênero recorrentes nas redações por intermédio de lideranças masculinas, divisão sexual do trabalho e definição de fontes para a produção de conteúdo evidenciam o teor sexista ainda encontrado em muitas reportagens (Gustafson, 2022). No entanto, o crescimento da presença feminina neste mercado garante não apenas uma abertura para tópicos antes concentrados apenas no discurso militante, de maneira mais direta, como também no desenvolvimento de abordagens subjetivas que possibilitam um novo prisma diante de uma verdade até então universal e masculinista (Moraes, 2022).

A seguir serão apresentados os procedimentos metodológicos elencados para atender o objetivo proposto neste artigo.

2 Procedimentos metodológicos

No intento de analisar a representação de Rayssa Leal em mídias jornalísticas relacionadas à cobertura dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, sob o viés do empoderamento feminino, este trabalho particulariza-se pelo uso das pesquisas básica (quanto à sua natureza), exploratório-descritiva (quanto a seus objetivos), bibliográfica, documental e estudo de caso (quanto a seus procedimentos técnicos) e qualitativa (quanto a abordagem do problema), baseando-se, para essas definições, em Lester (2023), McBride (2023) e Mitcheltree (2023). Como técnica de análise, utiliza-se a Análise de Conteúdo (Bardin, 2004), instrumento que, através de seu processo de categorização, avalia materiais de comunicação diversos, na finalidade de compreender, de maneira esmiuçada, as realidades e interpretações presentes nas mensagens indicadas. A técnica foi empregada em editoriais que possuem como elemento central a figura da skatista Rayssa Leal, disponibilizados pela versão digital do jornal 'Folha de São Paulo' durante os meses de julho e agosto, período das Olimpíadas de Tóquio.

Conforme orienta a autora, a trajetória de estudos para a conclusão da Análise de Conteúdo é dividida em três etapas principais: pré-análise, exploração do material e tratamento e interpretação dos resultados. Em primeiro momento, durante o processo denominado como 'pré-análise', é realizada a leitura preliminar para a seleção de referências que compreenderão o *corpus* da pesquisa, em conjunto com a preparação destas informações. Deste modo, o presente estudo é composto por artigos vinculados ao Jornal Folha de São Paulo, em sua versão online, ao longo dos dias 20 de

julho e 11 de agosto de 2021. Como critérios de seleção, além do período já mencionado, estipulou-se como palavra-chave de busca o nome de Rayssa Leal, estabelecendo-se assim, como já mencionado anteriormente, um total de 151 matérias, entre reportagens completas, citações e fotojornalismo. Estas, por sua vez, foram resumidas de modo qualitativo a um total de sete resultados após leitura prévia do material.

O quadro a seguir aponta as datas, títulos de divulgação e autores dos editoriais selecionados para análise:

Quadro 1 - Reportagens do Jornal Folha de São Paulo selecionadas para análise (20. jul. 2021 - 11. ago. 2021)

REPORTAGENS DO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO SELECIONADAS PARA ANÁLISE (20 JUL. 2021 - 11 AGO. 2021)	
TÍTULO DE DIVULGAÇÃO	AUTORIA - DATA DE DIVULGAÇÃO
Caçula em Tóquio, Rayssa tem mãe ao seu lado e disputará medalha no skate	DANIEL E. DE CASTRO - 22 JUL. 2021
Olimpíadas, dia 6: Rayssa Leal, 13 anos, é prata e torna-se a medalhista mais jovem da história olímpica do Brasil	REDAÇÃO - 26 JUL. 2021
Skatista Rayssa Leal faz história e conquista prata nas Olimpíadas aos 13 anos	DANIEL E. DE CASTRO - 26 JUL. 2021
Skatista Rayssa Leal conquista a prata e o Brasil com suas manobras e maturidade emocional nas Olimpíadas	MATHEUS CAMILLO - 26 JUL. 2021
No vácuo das jovens modalidades está o discurso de diversidade, da equidade e da inclusão	KÁTIA RUBIO - 27 JUL. 2021
Mini skatistas recebem medalha de prata Rayssa leal em chegada a terra natal	ANANDA PORTILHO - 28 JUL. 2021
Efeito Rayssa atrai meninas para aulas de skate em São Paulo	GABRIELA BONIN - 06 AGO. 2021

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Posteriormente, na etapa ‘exploração do material’, são empregadas técnicas de codificação e categorização sobre este *corpus*.

Com base nos enunciados coletados na primeira etapa e no critério de interpretação da autora, foram elencadas as seguintes categorias de investigação:

Quadro 2 - Categorias de análise

ITENS DE ANÁLISE
Representação enquanto atleta
Representação enquanto jovem adolescente
Representação enquanto figura modelo

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Enfim, na etapa ‘tratamento e interpretação dos resultados’, busca-se compreender se há, de fato, a presença de um discurso de empoderamento nos artigos que protagonizam Rayssa Leal durante a cobertura Olímpica da Folha de São Paulo, bem como a construção deste discurso em integração à imagem midiática da atleta.

Isto posto, apresenta-se, na próxima seção, a análise de conteúdo realizada.

3 Análises e resultados

Como a mais jovem medalhista olímpica do país na História ao levar a prata na categoria ‘Street Skate Feminina’, Rayssa Leal foi um dos grandes destaques na imprensa brasileira durante as Olimpíadas de Tóquio 2020. Na versão digital do jornal Folha de São Paulo, por exemplo, são exibidos 151 resultados que mencionam o nome da “Fadinha do Skate” durante o período dos Jogos sediados na capital japonesa em 2021. Contudo, para além de uma habilidade excepcional em cima do skate, as coberturas apresentam também a história de superação e determinação de uma menina que hoje é inspiração para muitos jovens, especialmente meninas, que sonham em alcançar grandes conquistas em meio à equidade no esporte.

A partir da leitura e interpretação das sete reportagens encontradas na versão digital do jornal Folha de São Paulo durante o período entre julho e agosto de 2021, apresenta-se na sequência os resultados alcançados através da investigação proposta neste artigo, com o objetivo de analisar a representação da atleta brasileira Rayssa Leal em mídias jornalísticas relacionadas à cobertura dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020⁶, sob o viés do empoderamento feminino.

Representação enquanto atleta

Como atleta, Rayssa ganha destaque através da mídia como competidora de alta performance, não apenas nas Olimpíadas, mas também em outros rankings, como o World Skate, no qual foi vice-campeã mundial em 2019 de acordo com a reportagem “Caçula em Tóquio, Rayssa tem mãe ao seu lado e disputará medalha no skate”, de Daniel E. de Castro. Com base em seus desempenhos anteriores, as narrativas que envolvem a menina no panorama da imprensa já as colocava como forte candidata ao pódio dos Jogos Olímpicos. Após a prata na categoria *street*, Rayssa passa a ocupar o espaço de quem fez história no cenário esportivo brasileiro, como a medalhista mais jovem do país. Como destaca Castro (2021, *online*), na reportagem “Skatista Rayssa Leal faz história e conquista prata nas Olimpíadas aos 13 anos”:

Rayssa Leal, fenômeno do esporte na adolescência e participante mais nova do Brasil na história dos Jogos, agora é a mais jovem medalhista da história do país — e de uma forma geral nos Jogos desde 1936. [...] A atleta, que costuma definir sua relação com o esporte como uma “brincadeira com responsabilidade”, de fato conseguiu encarar a pressão da estreia olímpica de maneira leve e concluiu da forma como está acostumada: sorrindo e com uma medalha no pescoço.

Segundo apontamentos teóricos de Goellner (2006), e Souza e Knijnik (2007), características de desempenho no esporte são, em sua maioria, associadas aos competidores masculinos — enquanto às mulheres remanesce a fragilidade do corpo feminino. Ainda que prevaleça a objetividade da notícia em reportar os fatos aos seus receptores de modo neutro, é possível identificar também, com base na forte exaltação das conquistas de Rayssa enquanto atleta, uma ruptura subjetiva de paradigmas jornalísticos, conforme proposto por Biroli (2011) e Moraes (2022) em suas interpretações da mídia como

⁶ Prevista inicialmente para julho de 2020, as Olimpíadas de Tóquio foram adiadas para o ano seguinte (2021) devido à pandemia global de Coronavírus. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52021589>. Acesso em: 04 set. 2024.

espaço de resignificação de narrativas. Nesse primeiro momento, portanto, os retratos midiáticos da reportagem quebram o estereótipo de fragilidade da mulher, embasado nos padrões de delicadeza e discrição, e refletem em Rayssa atributos à margem do conceito de feminilidade no esporte, como estabilidade emocional, motivação e performance (Goellner, 2006; Sousa; Said, 2018).

A estabilidade emocional de Rayssa é, inclusive, um ponto bastante explorado nos textos jornalísticos analisados. Ainda que a juventude da menina seja reforçada frequentemente nas redações, sua maturidade é vista como um fator essencial para o seu sucesso enquanto atleta. Aqui, encontra-se a dualidade presente na sensatez praticada por Rayssa dentro de sua realidade: a partir dos diferenciais de gênero impostos na construção do imaginário coletivo, e da pressão social em torno da figura feminina, mulheres são dispostas a amadurecerem de modo mais precoce em relação aos homens (Saini, 2018); em contraponto, no cenário esportivo, tal conduta é projetada, de modo geral, aos atletas masculinos (Castro; Prado, 2012). Ainda assim, a associação é importante para promover mais uma vez a descontinuidade de estereótipos generificados, uma vez que, no campo midiático, os elementos de performance e inteligência emocional de mulheres atletas são frequentemente postos como secundários frente aos tópicos frequentes de corporeidade e objetificação (Goellner, 2006).

Sob a ótica do seu impacto em meio ao público brasileiro enquanto atleta feminina, inserem-se relatos que apresentam o equilíbrio de Rayssa entre diversão e responsabilidade nas competições, e que abordam suas emoções em desafios e demais situações da carreira, como a frustração após uma lesão mais séria, ou a felicidade pela conquista de colegas do esporte, como aborda a redação da Folha de São Paulo na matéria “Olimpíadas, dia 6: Rayssa Leal, 13, é prata e torna-se a medalhista mais jovem da história olímpica do Brasil” (2021, *online*):

“Na penúltima tentativa estava em primeiro. Eu fiquei: Ai misericórdia. Meu coração começou a bater muito rápido. Mas eu fiquei muito animada. A Momiji [Nishiya] acabou acertando, coisa que fiquei muito feliz das meninas terem representado muito bem. No final, quando vi que estava em segundo, fiquei muito feliz mesmo”, contou, com espontaneidade, a atleta que aguardava o fim da entrevista para poder comer um prato de arroz com feijão.

A proximidade proposta pela mídia a partir da construção de uma imagem ainda modesta, apesar da elevação imediata de sua popularidade durante o período olímpico, introduz ao leitor sentimentos de admiração e empatia.

Constrói-se assim uma grandeza atrelada a Rayssa que perpassa questões de gênero e a coloca como figura de exemplo como atleta e cidadã, e reforça os pontos de Biroli (2011) sobre o papel relevante da imprensa no desenvolvimento do pensamento social.

Para além do skate, Rayssa enquanto jovem adolescente

Carismática, inocente, espontânea: diante das nove reportagens analisadas, estes são os principais adjetivos utilizados para caracterizar Rayssa enquanto adolescente. De personalidade descrita como livre, o retrato vai de encontro ao que acentua Beauvoir (2016a) como a representação feminina estabelecida historicamente nos planos coletivos, de postura submissa e limitada, e abrange os argumentos de Tiburi (2019) e Moraes (2022), que por sua vez reforçam o papel da mídia como construtora de novos olhares coletivos em torno da emancipação e liberdade de expressão da mulher. Os termos escolhidos também sugerem um olhar de ruptura para a objetificação apontada por Goellner (2006) como elemento constante nas representações da mulher no esporte, o que afasta a imagem de Rayssa de uma possível sexualização.

Todavia, é importante atentar-se ao fato de que algumas matérias assinadas por jornalistas homens, ainda apresentam não apenas a idade da atleta (na época com apenas 13 anos), mas também suas informações físicas, como altura e peso, disponíveis nos textos “Caçula em Tóquio, Rayssa tem mãe ao seu lado e disputará medalha no skate” e “Skatista Rayssa Leal faz história e conquista prata nas Olimpíadas aos 13 anos”, ambos de Daniel E. de Castro (2021, *online*): “Nos últimos anos, a atleta de 1,47m de altura e 35 kg se tornou um dos principais nomes do street no mundo. Foi vice-campeã mundial em 2019 e chegou bem contada para as Olimpíadas”.

A apresentação de dados prescindíveis ao contexto geral da reportagem pode endossar um discurso midiático que, envolto subjetivamente de significados ideológicos, reforça a aparência frágil já estabelecida à mulher enquanto atleta (Sousa; Said, 2018; Gustafson, 2022), em complemento ao que Saini (2018) define como um subjugamento historicamente consolidado por parte do homem em relação à figura feminina. Importante ressaltar, porém, uma interpretação de quebra desse estereótipo a partir da divulgação da narrativa de Rayssa como “Atleta mais nova do Brasil na história dos Jogos Olímpicos” (Castro, 2021, *online*) e “[...] a mais jovem medalhista da história do país – e de uma forma geral nos Jogos desde 1936” (Castro, 2021, *online*). O cenário propõe a valorização da imagem da garota como atleta ao ressaltá-la via imprensa como um prodígio no esporte, um fenômeno adolescente, e uma

lenda olímpica, posicionamento que novamente, nas entrelinhas ideológicas da subjetividade, quebra o prisma masculino empregado pelo próprio autor nos demais pontos da reportagem, e questiona subjetivamente a hegemonia do homem no esporte, hoje naturalmente instaurada no imaginário coletivo (Biroli, 2011; Rocha; Theodoro, 2021).

Sob o olhar do público, Rayssa Leal, mesmo como medalhista olímpica, ainda possui atividades e experiências comuns para o desenvolvimento de qualquer jovem adolescente, como é possível perceber nos trechos sobre o desejo da menina em mostrar “[...] a medalha conquistada para os colegas de classe quando voltarem as aulas presenciais” (Redação, 2021, *online*). Nota-se aqui a apresentação da imagem de Rayssa como uma garota ainda simples, pertencente a um contexto social habitual diante da realidade brasileira. Na construção de um enredo em que observa-se um senso de proximidade junto ao leitor, compreende-se a mídia sugerida nos apontamento teóricos de Castro e Prado (2012) como ferramenta de definição de pensamentos individuais e formações identitárias a partir de uma figura simbólica de empoderamento, neste caso, na perspectiva de gênero.

Sob esta ótica, compreende-se ainda, a partir das orações externas presentes em cada texto, o esforço midiático em fortalecer a figura de Rayssa como um exemplo de maturidade e de personalidade inspiradora. Na reportagem “Mini skatistas recebem medalha de prata Rayssa Leal em chegada a terra natal”, de Ananda Portilho, o apreço do grande público torna-se visível a partir das manifestações de admiração de adultos e crianças que integram o texto sobre o retorno da atleta ao Brasil após a conquista da medalha Olímpica, O entrevistado Joanir Pires (2021 *apud* Portilho, 2021, *online*) comenta: “Tô muito feliz. Emoção muito grande. Eu a vi crescendo aqui na praça, andando de skate, e agora recebi esse presente”.

A relação afetiva entre a atleta e seus pais é explorada nas redações através de depoimentos relacionados aos sentimentos de incentivo e orgulho por parte dos tutores, o que por sua vez contribui novamente para a construção do senso de proximidade da população junto à rede familiar de Rayssa e, conseqüentemente, para a expansão desse carinho paterno à toda comunidade através do que é exposto nos cenários midiáticos (Castro; Prado, 2012).

Representação enquanto figura modelo

As histórias abordadas pela imprensa sobre o despertar de Rayssa para o skate e o surgimento do apelido “Fadinha” estimularam a aproximação e o acolhimento por parte da população, que passou a vê-la como figura modelo no contexto social. No entanto, percebe-se novamente uma dualidade de interpretações diante da reciprocidade e do zelo que a menina possui em lidar com o público de maneira carinhosa e preocupada, a exemplo do seu pedido para que as pessoas evitassem aglomerações durante seu retorno ao Brasil (“Mini skatistas recebem medalha de prata Rayssa Leal em chegada a terra natal”, de Ananda Portilho) — a da representação de uma imagem prudente e positiva enquanto fonte de exemplo, mas também a de acentuação do estereótipo feminino a partir das características de um cuidado semelhante ao maternal (Saini, 2018).

Outro ponto a ser analisado é a abordagem, mesmo que breve, do anseio de Rayssa em orgulhar os brasileiros a partir da conquista de um lugar ao pódio nos Jogos Olímpicos, apresentada ao longo da matéria “Caçula em Tóquio, Rayssa tem mãe ao seu lado e disputará medalha no skate”, do jornalista Daniel E. de Castro. O fato da reportagem em questão ter sido escrita por um homem pode ser entendido como um reforço da necessidade feminina em se empenhar de forma muito mais intensa no esporte, para assim alcançar uma maior valorização diante do olhar do público, uma vez que, no imaginário social padrão, um cenário semelhante envolvendo atletas masculinos seria, em sua maioria, considerado natural — uma representação do que Beauvoir (2016a) conceitua como o ‘normal’ e o ‘Outro’, e que ainda se estabelece dentro dos discursos midiáticos mais objetivos (Moraes, 2022). Em ambos os casos, é possível detectar elementos da produção jornalística tradicional, apontado por Gustafsson (2022) como um dos principais obstáculos para a superação das disparidades de gênero no contexto social.

Apesar disso, é na força do empoderamento feminino que Rayssa pode ser vista como principal modelo de inspiração. A presença do skate nas Olimpíadas reconquistou o interesse do público jovem, e fez da atleta um dos principais ícones em meio às perspectivas de diversidade nos Jogos Olímpicos, a partir do alinhamento ideológico subjetivo na construção de uma imagem determinante para a ruptura dos estereótipos de fragilidade, objetificação e submissão presentes nos enredos femininos no esporte. Ao longo da reportagem “No vácuo das jovens modalidades está o discurso da diversidade, da equidade e da inclusão”, Kátia Rubio (2021, *online*) explana, de forma mais objetiva, sobre o tema e sobre o papel de Rayssa neste contexto:

Mulheres e meninas cis e não binárias invadiram a pista do skate street. Elas se vestem sem biquínis ou shorts que desloquem o olhar de suas performances para corpos sexys. O melhor modelito é aquele que faz bem ao movimento que se quer executar. Liberdade é a palavra de ordem. [...] Para coroar essa conquista, uma garota brasileira sobe ao pódio.

O olhar de uma jornalista mulher para a narrativa de Rayssa intensifica a perspectiva feminista na quebra do estereótipo frágil e objetificado da mulher, e possibilita uma nova representação feminina no esporte a partir de uma esfera midiática potencializadora dessa perspectiva na esfera social, oportunizando assim a inserção de discursos subjetivos sobre equidade de gênero cada vez mais perceptivos ao público (Gustafson, 2022). Ao longo do texto, é possível perceber a abordagem de Rubio aos pontos de empoderamento presentes nos enredos que envolvem a menina, a exemplo do seu aspecto de sororidade em presenciar maiores incentivos às garotas skatistas no Brasil, na intenção de quebrar o preconceito popularizado do skate como um espaço naturalmente masculino, contribuindo assim para a ampliação da representatividade feminina nesse cenário (Biroli, 2011). Tais aspectos contribuem para a construção de sua imagem de influência na ampliação da presença feminina no esporte.

A partir deste último ponto, observa-se a intenção da mídia em apresentar Rayssa como propulsora do aumento da presença feminina na prática do esporte em si. Ao longo da matéria “Efeito Rayssa atrai meninas para aulas de skate em São Paulo”, identifica-se já a partir do título a narrativa que envolve a atleta como influência para garotas das mais novas gerações, novamente sob a ótica de um jornalismo feminino e de maior reconhecimento de mulheres atletas, na autoria de Gabriela Bonin. Ainda que algumas falas afirmem que a participação de meninas e mulheres no esporte já era considerável antes mesmo das Olimpíadas, foi na construção e repercussão do “efeito Rayssa”, a partir da mídia como ferramenta de contribuição para reconstrução do pensamento social (Moraes, 2022), que se pode enfim ressignificar o skate como um espaço igualmente feminino ao olhar da audiência, e posicionar Rayssa subjetivamente como modelo de empoderamento dentro da perspectiva de gênero em um contexto antes dominado por homens (Goellner, 2006).

Quadro 3 - Síntese dos resultados

QUADRO SÍNTESE DE REPRESENTAÇÃO DE RAYSSA LEAL NAS TRÊS CATEGORIAS DE ANÁLISE	
Representação enquanto atleta	Rayssa desafia estereótipos de fragilidade feminina, sendo reconhecida pela sua estabilidade emocional e maturidade, pontos geralmente associados a figuras masculinas no esporte.
Representação enquanto adolescente	Rayssa é retratada como uma figura de personalidade livre, fortalecendo a quebra de estereótipos de gênero a partir do seu empoderamento. Destaca-se também como uma garota simples e pertencente a um contexto social habitual, gerando identificação com o público.
Representação enquanto figura modelo	Rayssa influencia positivamente a presença feminina no skate, rompendo com narrativas de fragilidade e objetificação, especialmente quando observada sob o olhar de jornalistas mulheres. Sua imagem incentiva a participação de mais meninas no esporte, e contribui para a representatividade feminina nesse cenário.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

4 Considerações finais

Ao longo das Olimpíadas de Tóquio 2021, o nome de Rayssa Leal ganhou força em meio à imprensa como atleta de alta performance. Entretanto, foi através de sua estabilidade emocional e sua personalidade irreverente que a jovem adolescente conquistou o carinho da torcida brasileira e tornou-se exemplo para futuras gerações, principalmente para as meninas que agora enxergam no skate uma possibilidade.

Com base neste entendimento, a presente pesquisa estipulou a análise da representação da atleta brasileira Rayssa Leal em mídias jornalísticas relacionadas à cobertura dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, sob o viés do empoderamento feminino. Na finalidade de atingir o objetivo para este estudo, foram aplicados os procedimentos metodológicos da Análise de Conteúdo de Bardin (2016) em reportagens divulgadas pela versão digital do Jornal Folha de São Paulo, a partir de conceitos que abrangem um panorama sobre a representação da mulher atleta na mídia, bem como os elementos feministas presentes hoje no jornalismo.

Compreende-se, portanto, que Rayssa é apresentada de maneira midiática ao público sob duas perspectivas: como atleta e como adolescente.

Em ambas, sua imagem é construída através de um forte senso de maturidade, apesar de sua pouca idade, o que estabelece a ela papéis de “fenômeno” e “prodígio” no skate. Em soma, comentários sexualizados e que fragilizam a corporeidade feminina abrem espaço para outros destaques geralmente associados aos atletas homens, como motivação e alto desempenho profissional, configurando assim uma quebra dos estereótipos femininos dentro do esporte.

Enquanto adolescente, Rayssa é apresentada de maneira bastante humanizada aos leitores. Suas vontades em relação à torcida brasileira e seu relacionamento com pais e demais colegas são explorados pela imprensa como forma de tensionar um maior acolhimento e admiração por parte do público.

Por vezes objetivamente, por outras, de modo mais subjetivo, o empoderamento é personificado na figura de Rayssa através de sua influência enquanto mulher que ressignifica a presença feminina em meio à prática do skate. As reportagens analisadas para este estudo, em especial àquelas assinadas pelo sexo feminino, reconhecem a menina como responsável pelo aumento de mulheres no esporte, e explanam seu desejo genuíno em desafiar as construções sociais acerca do skate como um ambiente majoritariamente masculino.

Ao final deste trabalho, entende-se que o objetivo apontado foi, assim, atingido. Como sugestão de pesquisas subsequentes, indica-se a aplicação de métodos similares em reportagens sobre Rayssa Leal em portais digitais diversos, visando assim determinar se a imagem da atleta construída pela cobertura da Folha de São Paulo é disseminada pelos demais veículos midiáticos.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BBC. **CORONAVÍRUS**: Olimpíada de Tóquio é adiada para 2021. BBC News Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52021589>. Acesso em: 04 set. 2024.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**: Fatos e Mitos. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2016.

BIROLI, F. Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 6, p.71-98, 2011.

BONIN, G. Efeito Rayssa atrai meninas para aulas de skate em São Paulo. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em: <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/08/efeito-rayssa-atrai-meninas-para-aulas-de-skate-em-sao-paulo.shtml>. Acesso em: 11 fev. 2024.

BUENO, N. C. **A (in)visibilidade das mulheres em programas esportivos de TV**: um estudo de casos no Brasil e em Portugal. Universidade Estadual Paulista - 2018.

CAMILLO, M. Skatista Rayssa Leal conquista a prata e o Brasil com suas manobras e maturidade emocional nas Olimpíadas. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em: <https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2021/07/26/skatista-rayssa-leal-conquista-a-prata-e-o-brasil-com-suas-manobras-e-maturidade-emocional-nas-olimpiadas/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

CASADEI, E. B.; SCABIN, N. L. C.; STOREL, T. A politização de objetos esportivos: redistribuições simbólicas do consumo a partir da vinculação de atletas a causas sociais. **Novos Olhares**, São Paulo, v. 11, n.01, p.31-39, jan./jun. 2022.

CASTRO, A. L.; PRADO, J. do. Corpo e identidades femininas: a intermediação da mídia. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 17, n. 32, p.251-259, 2012.

CASTRO, E. D. Caçula em Tóquio, Rayssa tem mãe ao seu lado e disputará medalha no skate. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/07/cacula-em-toquio-rayssa-tem-mae-ao-seu-lado-e-disputara-medalha-no-skate.shtml#:~:text=Em%20T%C3%B3quio%2C%20mesmo%20com%20as,hotel%20pr%C3%BAximo%20da%20resid%C3%A2ncia%20oficial>. Acesso em: 11 fev. 2024.

CASTRO, E. D. Skatista Rayssa Leal faz história e conquista prata nas Olimpíadas aos 13 anos. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/07/skatista-rayssa-leal-faz-historia-e-conquista-prata-nas-olimpiadas-aos-13-anos.shtml#:~:text=Participante%20mais%20nova%20do%20Brasil,tamb%C3%A9m%20a%20mais%20jovem%20medalhista&text=A%20skatista%20Rayssa%20Leal%2C%2013,das%20Olimp%C3%ADadas%20de%20T%C3%B3quio%2D2020>. Acesso em: 11 fev. 2024.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem História. **Revista Pensar a Prática**, Goiás, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2006.

GOELLNER, S. V. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. **Revista USP**, São Paulo, n. 108, p. 29-38, 2016.

GUSTAFSON, J. **Jornalistas e feministas: A construção da perspectiva de gênero no Jornalismo (Jornalismo a Rigor)**. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2022.

LESTER, J. N. Introduction to Special Issue: Qualitative Research Methodologies and Methods for Theory Building in Human Resource Development. **Human Resource Development Review**, v. 22, n. 1, p. 7-14, 2023.

MCBRIDE, N. K. Reflexivity in the Field Encounter in Qualitative Research: Learning from Gadamer. **Qualitative Research Journal**, v. 23, n. 1, p. 27-40, 2023.

MIGUEL, L.F.; BIROLI, F. **Feminismo e Política: uma introdução**. São Paulo, SP: Boitempo, 2014.

MITCHELTREE, C. M. Towards a Sense of Urgency for Innovation Realization: A Case Study on Complacency Asymmetries in Interorganizational Relations. **Journal of Innovation and Entrepreneurship**, v. 12, n. 1, p. 27-40, 2023.

MORAES, F. Subjetividade: Ferramenta para um Jornalismo mais Íntegro e Integral. **Extraprensa**. São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204-219, 2019

MORAES, F. **A Pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumana**. Porto Alegre, RS: Arquipélago, 2022.

OLIMPIADAS, dia 6: Rayssa Leal, 13, é prata e torna-se a medalhista mais jovem da história olímpica do Brasil. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em: <https://aovivo.folha.uol.com.br/esporte/2021/07/25/6023-olimpiadas-dia-6-rayssa-leal-13-e-prata-e-torna-se-a-medalhista-mais-jovem-da-historia-olimpica-do-brasil.shtml>. Acesso em: 11 fev. 2024.

PORTILHO, A. Mini skatistas recebem medalha de prata Rayssa Leal em chegada a terra natal. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/07/mini-skatistas-recebem-medalha-de-prata-rayssa-leal-em-chegada-a-terra-natal.shtml>. Acesso em: 11 fev. 2024.

ROCHA, C. R. N. C.; THEODORO, H. G. S. Representações Midiáticas da Mulher Atleta em Dibradoras. **COMUNICON 2021: Congresso Internacional Comunicação e Consumo**, online, 2021.

RUBIO, K. No vácuo das jovens modalidades está o discurso da diversidade, da equidade e da inclusão. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/katia-rubio/2021/07/no-vacuio-das-jovens-modalidades-esta-o-discurso-da-diversidade-da-equidade-e-da-inclusao.shtml>. Acesso em: 11 fev. 2024.

SAINI, A. **Inferior É o Car*lhø**. Rio de Janeiro, RJ: Darkside, 2018.

SANFELICE, G.R. **Processos Midiáticos no Campo Esportivo**. 1. ed. Curitiba, PR: Appris, 2018.

SOUSA, I. N. P.; SAID, G. F. Identidade feminina e mídia: um estudo sobre a representação da mulher no jornalismo esportivo. **41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Joinville, 2018.

SOUZA, J. S. S.; KNIJNIK, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Rev. Bras. Educ. Fis. Esp.**, São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, 2007.

TIBURI, M. **Feminismo em Comum para Todas, Todes e Todos**. 10. ed. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos, 2019.

Recebido em junho de 2024.

Aprovado em setembro de 2024.